

CONSTRUÇÕES AGENTIVAS EM X-EIRO NO FALAR PESSOENSE

Thalita Maria Lucindo Aureliano (UFPB)

thalitamaria.a@hotmail.com

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)

edson123@gmail.com

Introdução

Nesse artigo, pretendemos apresentar os princípios fundamentais da uma gramática cognitiva, e também algumas das suas aplicações. De acordo com o quadro exibido por (Geeraerts & Cuyckens 2007), existem diferentes modelos de gramática cognitiva. Diferencia-se a Gramática Cognitiva, proposta por Langacker (1987); a Gramática de Construções desenvolvida por Goldberg (1995, 2006); e a Gramática de Construções Radical, de Croft (2001). Apesar de algumas divergências, todos dividem princípios fundamentais, que permitem falar de uma abordagem cognitiva da gramática. Nós iremos nos deter nas concepções de Langacker e em algumas questões de Goldberg.

Para ilustrar, aplicaremos as concepções de gramática de Langacker e Goldberg, agregados à teoria da Mesclagem conceitual de Fauconnier (1994), ao português não padrão em comparação com o padrão, em algumas análises das construções agentivas em x-eiro, por serem as mais comuns no português brasileiro. Os estudos serão reduzidos por limitações de espaço.

1. A Linguística Cognitiva

A teoria linguística conhecida como Linguística Cognitiva, afirma-se no cenário acadêmico, na década de 1980 quando da publicação de duas obras importantes: *Women, fire and dangerous things*, de George Lakoff e *Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*, de Ronald Langacker. A Linguística Cognitiva busca respostas a questões relativas a organização e manipulação do conhecimento.

Gibbs (1996) dia que a LC “[...] busca conhecer ativamente as correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corpórea e a estrutura linguística na interação de descobrir os verdadeiros conteúdos da cognição humana”. Assim, essa disciplina busca entender a estreita relação entre a cognição e linguagem e prover modelos capazes de captar essa inter-relação.

Sobre a relação entre linguagem e pensamento, a LC afirma que a linguagem, longe de ser uma faculdade inata e autônoma em relação aos demais sistemas cognitivos, conforme o posicionamento racionalista, é uma das manifestações cognitivas no homem e, como tal, baseia-se na experiência do indivíduo com o mundo.

Segundo essa teoria, as formas linguísticas são emergências que se fundam a partir de conceitos pré-linguísticos. Supostamente, na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem que formam a base de determinadas formas linguísticas. Percebemos assim, que essas formas são emergentes de representações e estão em ações situadas, ou seja, no mundo, na realidade.

2. Teoria da Gramática Cognitiva

A gramática cognitiva foi apresentada por Langacker (1987, 1991), que defende que toda expressão linguística – ou construção – constitui uma unidade simbólica, formada pelo pareamento entre fonologia e semântica, incluindo os sentidos esquemáticos e extensivos do item lexical e das estruturas gramaticais.

Langacker assegura que para a gramática cognitiva as unidades simbólicas são esquemas abstraídos da linguagem real, que se estruturam através de em processos cognitivos específicos, como categorização. No exemplo apresentado por Ferrari (2011): “A preguiça dorme quatorze horas por dias, pendurada em galhos”, só podemos construir o significado da sentença, do item lexical **galhos**, se pressupormos a compreensão de árvore, que não aparece anunciada na sentença, mas constitui um domínio cognitivo a partir do qual a compreendemos.

Já em relação às classes de palavras, Langacker (1987,1991) propõe uma caracterização esquemática. Nomes, verbos, adjetivos e advérbio são semanticamente definíveis. Os nomes perfilam “coisas”, concebidas genericamente, como regiões em um determinado domínio. Os verbos, adjetivos e advérbios perfilam “relações”. Enquanto os verbos perfilam relações temporais (ou processos), os adjetivos e advérbios perfilam relações atemporais, diferenciando-se entre si pelo fato de os adjetivos privilegiarem relações simples. Ferrari (2011) discute alguns exemplos, como na expressão: “‘sangue vermelho’, o adjetivo ‘vermelho’ perfila uma relação atemporal entre o nome “sangue” e a região correspondente à cor vermelha – no espectro cromático)”, e os advérbios indicam relações atemporais complexas entre um processo e uma região em uma escala (por exemplo, em “andar rapidamente”), o advérbio “rapidamente” indica uma relação atemporal entre o processo de andar e uma região em uma escala de velocidade.

2.1 Gramática das construções

Para a gramática das construções temos como referências Fillmore (1988) e Goldberg (1995). Ferrari (2010) nos apresenta essa abordagem teórica:

“As construções gramaticais estabelecem uma distinção entre significado lexical e significado construcional, propondo parâmetros de correspondência entre verbo e construção. Para tratar dessa correspondência, Goldberg estabelece uma diferença entre papéis participantes (relacionados ao verbo) e papéis argumentais (associados à construção).”

Parte-se da relação entre forma-significado para questionar a ideia de composicionalidade, avaliando que esse fenômeno é concebido por relações imagéticas presentes na estruturação conceitual de uma construção linguística, a exemplo da relação entre marco e trajetor.

A composicionalidade determina que o significado do todo corresponda à soma dos significados de suas partes componentes. O significado construcional independe, no entanto, do significado verbal isolado, evitando-se com isso postular sentidos implausíveis do verbo para dar conta de exemplos como o apresentado por Ferrari (2010): “*O jogador cabeceou a bola para o gol.*” O verbo cabecear, intransitivo, apresentaria um sentido que envolve três argumentos, “X CAUSA Y a MOVER para Z ao cabecear. A autora nos mostra que: “(...) na abordagem

construcional, ao contrário, pode-se conceber a interpretação final como resultante do significado da construção, que contribui com argumentos não licenciados pelo verbo.”

3. Teoria dos Espaços Mentais

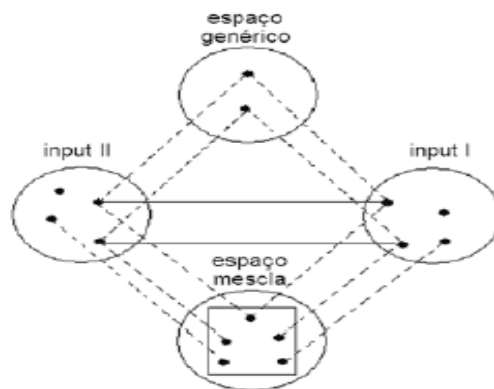
De acordo com a teoria de Fauconnier (1994) os espaços mentais são baseados na capacidade da mente humana de conceitualizar empregando a linguagem como gatilho para acionar domínios cognitivos arraigados na memória. Os espaços mentais são conjuntos de domínios conceituais ou conhecimento de muitos domínios separados, contendo relações parciais de entidades e relações de cenário percebido, imaginado ou lembrado. Esses espaços vão sendo criados no mesmo momento em que o discurso vai sendo formado.

Quando os espaços mentais são construídos através da comunicação imediata, (ouvintes, falante, lugar e momento da enunciação), é chamado de BASE. E a partir dessa base, podem ser criados espaços que não estão no contexto imediato, constituindo projeções como quando falamos de futuro, hipóteses e cenários que existem apenas em nossa imaginação.

3.1 Mesclagem conceitual

A mesclagem conceitual (*Blending*) é uma operação mental que estabelece projeção parcial entre espaços iniciais (*Input 1 e Input 2*), permitindo a correspondência com espaços equivalentes. Essa correspondência acontece via *Espaço genérico*, representando a estrutura abstrata que os *inputs* 1 e 2 têm em comum. O espaço *mescla* tem os elementos projetados pelos *inputs*, formando uma estrutura emergente que não existia nos espaços iniciais. De uma forma genérica, o esquema abaixo mostra como acontece a mesclagem:

Esquema 3: Processo de mesclagem conceitual

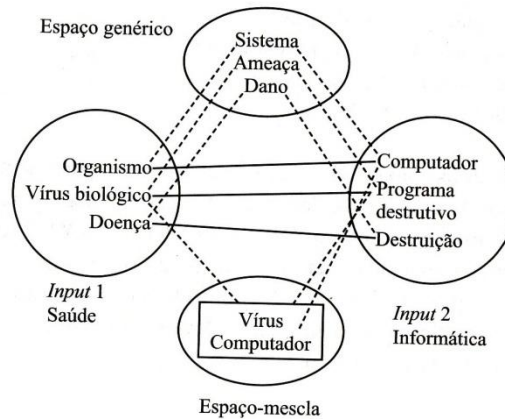


Como mostra o esquema, a mesclagem é resultado de dois espaços iniciais – *Inputs* 1 e 2, que têm determinados elementos estabelecendo correspondência, de acordo com algumas características abstratas compartilhadas (*Espaço genérico*). O espaço mescla pode ser formado por parte desses elementos ou ainda elementos dos *inputs* 1 que não estabelecem correspondência com elementos dos *inputs* 2 e vice - versa.

Ferrari (2011), discute o exemplo de mesclagem estudado por Fauconnier (1997). O autor estuda a noção de *vírus de computador*. O *Input* 1 é o domínio da saúde com elementos relacionados a vírus. E o *Input* 2, é o domínio da informática trazendo elementos: computadores e

problemas causados em programas, por exemplo. A correspondência entre os *inputs* acontece através do Espaço genérico que inclui, por exemplo, a noção de ameaça e sistema.

Esquema 4: Mesclagem conceitual referente a vírus do computador



Na mesclagem, “vírus biológico” e “programa destrutivo” são projetadas e geram outra ideia, que acionam as duas primeiras, mas também fazem conceitualizações que vão além delas. No espaço-mescla, o termo “vírus de computador” contém tanto parte da noção de organismos biológicos como a noção de computador, concebidos como se fosse a “mesma coisa”.

Embora a Teoria dos Espaços Mentais, e mais especificamente, a Teoria da Integração Conceptual ou Mesclagem não constituam, em sua motivação inicial, uma teoria da gramática, Fauconnier e Turner (2002) argumentam que a operação conceptual de mesclagem pode ser utilizada nas construções gramaticais, simples ou complexas.

Ferrari (2010) nos mostra que, por estarem firmemente ancoradas em estruturas mentais que sustentam o mecanismo conceptual de mesclagem, as construções gramaticais podem apresentar padrões estáveis recorrentes no uso, ao mesmo tempo em que exibem alto grau de flexibilidade e criatividade.

5. Metodologia

Utilizaremos como corpus de análise os dados armazenados sobre o falar pessoense, constantes do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (Hora & Pedrosa, 2001). O VALPB pretendeu desenvolver, a partir do *corpus* coletado, o perfil linguístico do falante da Paraíba, em seus aspectos fonológicos e gramaticais.

Foi selecionado nesse corpus um conjunto representativo de dados fornecidos por informantes falantes da variedade pessoense, agrupados conforme a variável ‘grau de instrução’ e de ambos os sexos. Assim, objetivamos mostrar como os falantes, que nunca tiveram contato com contextos escolares, detêm as mesmas habilidades cognitivas dos falantes escolarizados.

Para esse artigo foram escolhidas as agentivas em x-eiro por serem uma das mais comuns no português brasileiro, e como dentro dessas construções há muitos exemplos, com riquezas de detalhes, foram selecionadas apenas as formações da categoria a agente-humano, como por exemplo, pedra – pedreiro: “O meu pai ele [fo] criou a prole de nove filhos, sendo uma profissão fraca como [pe] **pedreiro**(...) – Informante WL, masculino, com mais de 11 anos de escolaridade.

Dentro da análise encontraremos duas divisões propostas por Langacker: a predicação de identidade, atribuídas aos substantivos, pois suas relações perfilam “coisas”; a predicação relacional, atribuídas aos adjetivos, advérbios e verbos. No predicado relacional, teremos duas subdivisões: as relações temporais perfiladas pelos verbos e as relações atemporais perfiladas pelos adjetivos e advérbios.

6. Análise de dados

O estudo aqui apresentado será uma reprodução de parte do experimento proposto por Salomão (2009), com uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas em x-eiro, pois os exemplos no português do Brasil são numerosos.

Essas construções do tipo [x Fazer/Afetar Y], são formadas principalmente de substantivos e adjetivos acrescentados do sufixo –eiro. Como por exemplo, o informante GHSS: “O melhor jogador **brasileiro** na minha opinião é: + Bebeto.” (Aquele que nasce no Brasil é **brasileiro**.)

Essas construções se restringem a um campo semântico-pragmático do agir e do fazer, e de modo informal, em relação aos tipos: x-o (antropólogo) e o x-ista (neurologista), como nos propõe a Miranda (2004).

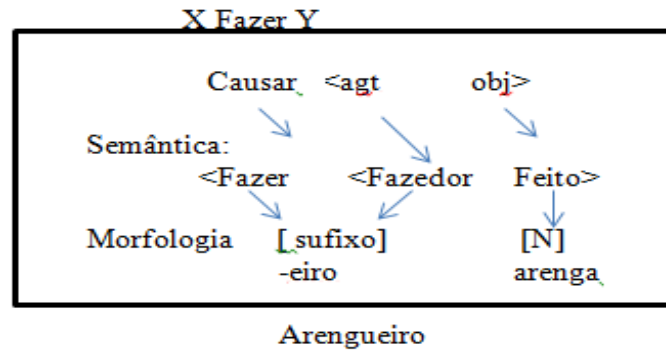
Salomão discute a relação dos ofícios em relação ao status social. No processo de formação lexical, os ofícios de menor prestígio, seriam indicados em x-eiro, como: “Ai, tem que ir no **cabeleireiro**, tem que fazer as unhaø, tem que comprar um sapato.” informante TCS, sexo feminino e sem escolarização. E “Acho que a pessoa sem estudo só :: fica só fica nesse trabalho: **pedreiro**, guarita, esse, tal esse esses negócioø.” do informante JM, masculino e sem escolarização. Como aponta Miranda, a regra do x-eiro são definidoras de *status*. Dessa forma, as profissões ligadas à noção de fazer algo são em maioria expressas por esses agentivos. Até as funções ligadas a músicas populares são com x-eiro, como: “Então, o cantor popular, o cantor sertanejo, o **forrozeiro**, o **lambadeiro**, ele tem mais é que dar a atenção a gente que compra os discoø dele.” Informante TCS, feminino, sem escolarização. Diferente do *status* de: “(...)o pai queø que ela seja : uma [mu-] uma **musicista**, eu não sei nem como é que fala. Queø que ela toque um instrumento, queø que ela seja : uma menina que goste de clássicos como ele.” Informante SCP, feminino, sem escolarização.

A paráfrase proposta por Miranda é que x-ista e x-o seria **especialista em algo** e a de x-eiro, **que faz algo em relação a outra coisa**.

A hipótese levanta por Salomão (2009), seria que a categoria central de agente humano motiva as redes de construções herdeiras. Essas construções são projeções metafóricas conceptuais, como será mostrado em seguida.

Primeiramente, como um diagrama aos moldes do proposto por Goldberg (1995), apresentaremos a formalização de **arengueiro**, retirado do *corpus* feminino, sem escolarização, a informante RAM diz: “Muito briguento, muito **arengueiro**, ays irmãø dele gostaø muito de debochar da cara de todo mundo”

Formalização de arengueiro



Para Goldberg (1995) essa formalização representa a fusão dos papéis dos participantes na cena, o fazer e o fazedor. Em termos semânticos temos: X fazer Y, em que X tem o papel de agente e Y o papel de objeto.

O que Goldberg quis mostrar no quadro acima é que a combinação conceptual da construção em x-eiro, pode ser apresentada linguisticamente por uma forma sintática de: O irmão dele faz/age sobre a arenga, e por uma forma sintética: arengueiro. Na palavra **arengueiro** está colocada toda cena: agente, ação e objeto.

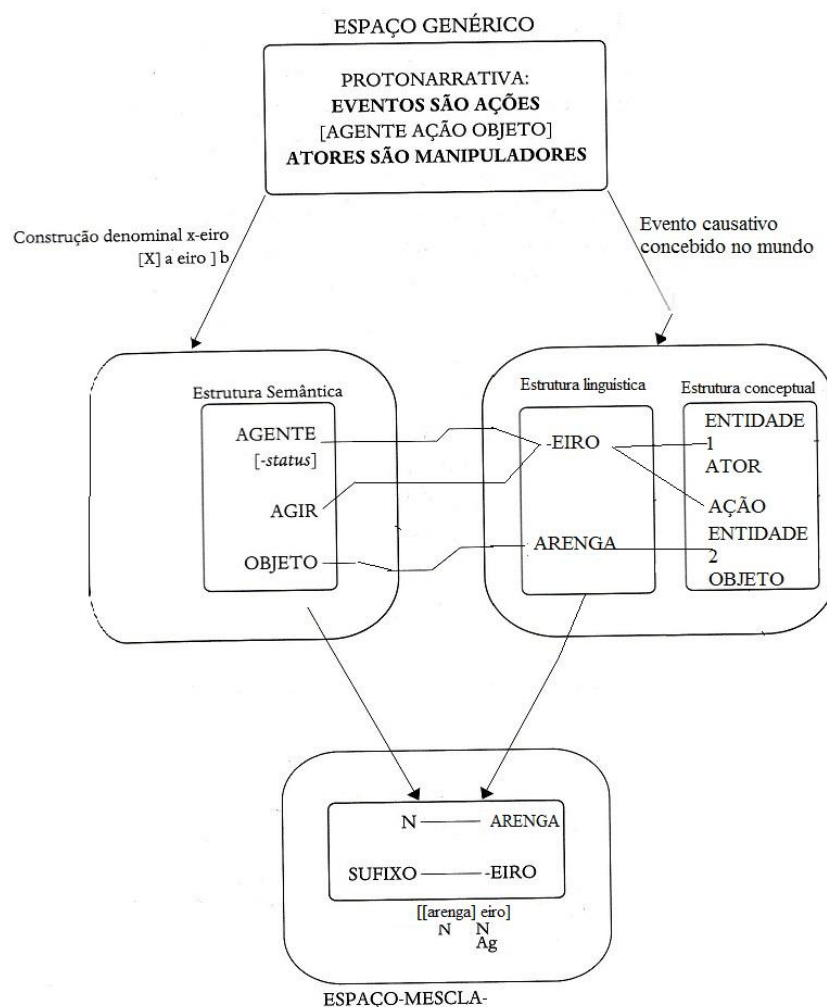
Salomão (2009) mostra morfologicamente como é a formação a construção em x-eiro:

[[X] + eiro]
N/adj. N/adj.
 Ag.

Existe a base nominal que pode ser adjetivo ou substantivo que se une ao sufixo, o eiro, dando origem no caso em questão a uma formação denominal com a função de adjetivo, com a agentividade de fundo.

Miranda (2004) nos mostra uma formalização do processo cognitivo de integração conceitual através de um diagrama, que será apresentado de forma adaptada. A autora nos apresenta a mesclagem como um processo cognitivo que abrevia toda a cena (agente-ação-objeto).

Diagrama 1
Formalização do processo cognitivo de integração conceitual do item lexical **arengueiro**



Como nos mostra Salomão (2009) No *input 1*, temos o evento experiencial do mundo e sua parte no léxico. Na estrutura conceitual, estão as entidades mais genéricas, e os papéis participantes dessa cena: um ator, agente, que faz ou afeta o objeto. Dessa forma o sufixo **-eiro** que comprime o papel de **ATOR/AGENTE** e a própria **AÇÃO**; e o objeto que é a **ARENGA**.

Já o *input 2* representa o significado, com a marca pragmática de status e formalidade.

O esquema genérico é união entre os inputs 1 e 2. Então, o *frame* ativado por essa construção tem a seguinte base metafórica: **EVENTOS SÃO AÇÕES**, **ATORES SÃO MANIPULADORES**. O espaço-mescla resulta do processo cognitivo de compreensão humana.

Como dito anteriormente levanta-se a hipótese que a construção central marcada pelo traço agente-humano motiva as construções herdeiras através das metáforas conceituais elencadas acima.

Já de acordo com Langacker (1990), uma gramática consiste de unidades simbólicas, um convencional entre forma e sentido (semântica/fonologia). O adjetivo, como **arengueiro** designa uma relação atemporal, entre o tributo e uma entidade. Sendo assim, quando passamos a fala da

informante para a voz ativa (apenas a título de melhor compreensão), temos: Ele é arengueiro. A sentença perfila a relação entre o MARCO *arengueiro*, caracterizado como uma característica e o TRAJETOR *ele*.

Em relação ao léxico arengueiro dentro de uma perspectiva formal da língua, seria substituído por briguento, que realizaria outras relações conceituais, através do sufixo -nto. O léxico analisado entra numa classificação de palavras regionais e populares do falar pessoense, corroborando todas as discussões levantadas ao longo da análise.

O léxico arengueiro está dentro das construções adjetivas, assim como: fofoqueiro, maconheiro, bronqueiro e macumbeiro.

- (1) “Que mesmo de gente rico tem **fofoqueiro**.” Informante MLS, feminino, sem escolarização.
- (2) “(...) e ele tava querendo assim, acabar cum oh ladrão que tinha, oh **maconheiro**(...)” JPS, feminino, sem escolarização.
- (3) “Porque, se a pessoa é **arengueiro**, é **bronqueiro**, é claro que vai encontrar pela frente também, né?”, informante WL, masculino, com mais de 11 anos de escolarização.
- (4) “Eu digo: olhe, aqui pode cantar xangô, **macumbeiro**, toca bumbo tudo.”, informante IFS, com mais de 11 anos de escolarização.

Todos os exemplos encontrados desse grupo no *corpus* possuem um sentido negativo e depreciativo. A característica negativa parece marcar as propriedades agentivas desse subgrupo, marcando uma relação aos traços também negativos atribuídos a informalidade e ao baixo *status* social que definem toda a rede.

O último caso a ser analisado engloba os gentílicos encontrados no *corpus*, como: “(...)se você pegar um **mineiro**, o **mineiro** num fala não, ele canta.” Dito pelo informante WL do sexo masculino e com mais de 11 anos de escolarização. E “Novela + **brasileiro** num vive sem novela, né?”, dito pelo informante AFD do sexo masculino e sem escolarização. Como nos expõe a Salomão (2009) a projeção metonímica PARTE-TODO, permite que indicar que o mineiro e brasileiro são todas as pessoas que nasceram em Minas e no Brasil, mas também indicam aquelas pessoas que trabalham em minas, o que nos faz ampliar o sentido da categoria.

Langacker já nos apresentava essa ideia, (Cf. Silva, 2003), quando diz que: “o que a metonímia promove é uma ‘saliência’ de domínios: um domínio mais saliente (a parte, isto é, os mineiros) é tomada como referência a um menos saliente (todos que habitam no estado).

Conclusão

As principais conclusões que podemos chegar, dentro dos limites da nossa análise foram que: uma abordagem sociocognitiva das construções gramaticais é de extrema importância para entendermos os processos de integração conceitual presente na gramática e no léxico. E como as construções agentivas em x-eiro de núcleo as construções agente-humano, são motivadas pelas metáforas conceituais EVENTOS SÃO AÇÕES e ATORES SÃO MANIPULADORES.

Em relação ao nível de escolaridade selecionado para essa pesquisa, incluindo ambos os sexos, percebemos que independente de qual seja, as capacidades cognitivas e conceituais funcionam da mesma maneira.

Referências bibliográficas

- Fauconnier, G. *Mental Spaces*. New York: Cambridge University Press. 1994
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Fauconnier, G e Turner, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002
- Ferrari, L. *Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares*. Cadernos de letras da UFF – dossiê: letras e cognição no 41, p. 149-165, 2010
- _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto. 2011
- Fillmore, C. J., Kay, P & O'connor, Mary C. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone*, *Language* 64, 1988.
- Geeraerts D. & Cuyckens H. (eds.), *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GIBBS, R. W. *What's cognitive about cognitive linguistics?*, IN: Casad (ed.), 1996.
- Goldberg, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- Lakoff, G. & Johnson, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- Langacker, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press. 1987
- _____. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application*, Stanford, California, Stanford University Press. 1991.
- _____. *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*, «Cognitive Linguistics Research, 1», Berlin - New York, Mouton de Gruyter, 1990.
- Miranda, N.S. *Construções da constituição do léxico*. In: II Conferência de linguística e cognição. Universidade Federal de Juíz de Fora, abr. 2004.
- Salomão, M.M.M e Miranda N.S. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009 .
- Silva, Augusto Soares da, 2003, *O poder cognitivo da metáfora e da metonímia*, In: Revista Portuguesa de Humanidades, VII, 13-15, pp. 13-75.